

A Palatalização das Oclusivas [t] e [d] na Aquisição do Inglês como Língua Estrangeira

The Occlusive Palatalization of [t] and [d] in the Acquisition of English as a Foreign Language

Alessandra Dutra^{a*}; Andréia de La Costa Paixão^b

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar a palatalização das oclusivas [t] e [d] na fala de brasileiros aprendizes do inglês. Para a realização da pesquisa, foi elaborado um questionário baseado nas pesquisas sociolinguísticas de Labov (1976), o qual consegue captar vários estilos de linguagem dos falantes, desde o mais informal até o mais formal. Foram entrevistados seis alunos de treze a dezesseis anos, todos considerados com nível de proficiência avançado da escola de idiomas Wizard da cidade de Ourinhos/SP. As gravações ocorreram somente em um encontro com cada informante e tiveram duração de mais ou menos dez minutos cada uma. Como recurso tecnológico, utilizamos um gravador digital com o intuito de obtermos maior certeza da produção dos fonemas pelos informantes. Pudemos concluir que, conforme os alunos se descontraíam durante a entrevista e à medida que os estilos se tornavam mais formais, os informantes empregavam as africadas [dʒ] e [tʃ] em maior número de ocorrências. Tais resultados comprovam nossa tese de que esses fonemas são difíceis mesmo para alunos avançados, os estilos de linguagem interferem na produção dos mesmos e os professores, por sua vez, precisam incluir em suas atividades, práticas que envolvam também questões fonético-fonológicas para que os alunos consigam visualizar a estrutura consonantal e vocálica da língua alvo, conheça suas diferenças e consiga distinguir e empregar seus sons de forma adequada.

Palavras-chave: Linguagem. Fonemas. Palatalização das oclusivas. Língua Estrangeira.

Abstract

This study aims to analyze the use of occlusive [t] and [d] in the Brazilian learners of English's speak. For research, a questionnaire was developed based on sociolinguistics studies of Labov (1976), which can capture various styles of language of speakers from the most informal to more formal. We interviewed six students from thirteen to sixteen years old, all considered advanced level proficiency, from Wizard language school in the city of Ourinhos/SP. The recordings occurred in only one meeting with each informant and had duration of about ten minutes each. As technological resource, we used a digital recorder in order to achieve greater certainty in the production of phonemes by informants. We conclude that as the students are relaxed during the interview and as the style became more formal they used affricates [tʃ] and [dʒ] in greater number of occurrences. These results confirm our view that these phonemes are difficult even for advanced students, the styles of language interfere in the production of them and teachers must include them in their activities, practices that also involve phonological-phonetic issues so that students can view the consonantal and vocalic structure of the language, know the differences between them and can distinguish and use the sounds of the target language.

Key-words: Language. Phonemes. Occlusive palatalization. Foreign Language.

^a Doutora em Linguística e Língua Portuguesa - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp/Araraquara). Docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: alessandradutra@yahoo.com.br

^b Especialista em Ensino de Língua Inglesa e Literatura da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho (UENP). E-mail: silverdeia@hotmail.com.

* Endereço para correspondência: Rua do Ipiranga, 345 Cep: 86.191-765, Cambé-PR.

1 Introdução

Foi-se o tempo em que se admitia ser suficiente uma pessoa saber a gramática de uma língua para possuir qualificação suficiente para ensiná-la. Da mesma maneira acreditou-se que qualquer pessoa que falasse uma língua específica estaria apta para assumir uma sala de aula.

Segundo Mascherpe (1970), a metodologia do ensino de línguas, baseada nos princípios da linguística, mostra que o professor de língua estrangeira, além do conhecimento da gramática e da habilidade de se comunicar, tanto por escrito quanto oralmente, necessita estar ciente de que a maior

fonte de interferência no aprendizado de segunda língua é a sua própria língua materna. O aluno habituado aos padrões de articulação de sons, de distribuição de fonemas e de seus respectivos alofones, de formação de palavras e orações em sua língua materna, tenderá a aplicá-los à língua estrangeira, adaptando-a aos hábitos linguísticos que já possui. Assim, o domínio da estrutura da língua nativa é da mesma importância que o conhecimento das estruturas da língua estrangeira na aprendizagem do segundo idioma.

Educadores em várias partes do mundo têm se dedicado às pesquisas sobre estratégias de aprendizagem de forma a auxiliar os alunos a obterem mais sucesso na aquisição de línguas estrangeiras. Krashen (1984) estabelece uma distinção entre estudo formal e assimilação natural de idiomas e conclui que o ensino de línguas eficiente não é aquele que depende de receitas didáticas em pacote, de prática oral repetitiva ou que busca apoio de equipamentos, mas sim aquele que explora a habilidade do instrutor em criar situações de comunicação autêntica, não necessariamente dentro de uma sala de aula, que enfatiza o intercâmbio entre pessoas de diferentes

culturas e que dissocia as atividades de ensino e aprendizado do plano técnico-didático, colocando-as num plano pessoal-psicológico.

Vemos, então, que a importância da comunicação no ensino de línguas é evidente e, para que ela ocorra, há a necessidade de um trabalho significativo do professor não somente em relação às atividades comunicativas, mas também às questões de pronúncia. Percebemos, no entanto, que ela tem recebido pouca atenção no que diz respeito ao ensino e aprendizagem do Inglês como língua estrangeira. O fato de os professores se focarem na gramática e no vocabulário fez com que eles adquirissem maior competência na instrução destes aspectos linguísticos do que na oralidade, especificamente, no aprendizado da pronúncia.

Ao pensarmos nas questões relacionadas à oralidade, percebemos que as diferenças entre os aspectos articulatórios dos sons não são explicitadas, diferenças entre a construção do ritmo e da entonação e o uso de acento e pausas também não o são, já que a ênfase no ensino da pronúncia do inglês recai sobre a transcrição fonológica da palavra isolada ou dicionarizada, o que é diferente do mesmo vocábulo no contexto da frase, emitido na fala corrente. Morley (1991) e Jenkins (2000) afirmam que, desde o final da década de 60 até aproximadamente o início da de 80, o ensino da pronúncia ainda não era prioridade, tanto nos cursos de idiomas como na formação do professor.

Com o passar dos anos, a busca pelo aprendizado de língua estrangeira aumentou e aumentaram também os problemas de ensino e aprendizagem, fazendo com que professores buscassem caminhos e alternativas para tentar trabalhar tais dificuldades. Mesmo com o surgimento de várias pesquisas nessa área, com o empenho dos professores de inglês, por exemplo, vemos que, muitos alunos, após anos de estudo dessa língua, ainda apresentam problemas na oralidade que, muitas vezes atrapalham a comunicação, deixando-os desconfortáveis frente a um nativo ou a uma situação real de uso do idioma.

Essa dificuldade que aprendizes de inglês enfrentam ao aprender a língua advém muitas vezes de fonemas sem correspondentes na língua materna desse aluno. Dentre alguns desses fonemas que podem causar confusão ou dificuldade no aprendizado e no estabelecimento da comunicação estão os fonemas oclusivos [t] e [d] que, devido à interferência da língua materna, nesse caso a língua portuguesa, são palatalizados em contextos que não são permitidos no inglês, tais como *deep* [ˈdʒi:p] ao invés de [ˈdi:p], ou na palavra *teacher* [ˈti:tʃə], realizada pela maioria dos alunos que apresentam problemas de pronúncia, como [ˈtʃi:tʃə].

Para entender tais dificuldades e oferecer contribuições a professores e alunos, o presente estudo busca analisar a palatalização das oclusivas na aquisição da língua inglesa por falantes brasileiros, com nível de proficiência avançado, da escola Wizard Idiomas da cidade de Ourinhos/SP.

2 Procedimentos Metodológicos

Neste capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Primeiramente falamos sobre os informantes selecionados, apresentamos o instrumento de coleta de dados, bem como sua estrutura e organização. Discorremos sobre os fenômenos estudados, falamos a respeito das entrevistas realizadas e do recurso tecnológico escolhido para realizar as gravações.

2.1 Os informantes

Nossos dados foram obtidos a partir de entrevistas realizadas com seis alunos da escola de idiomas Wizard da cidade de Ourinhos/SP, todos moradores da mesma. Devido ao objeto de estudo escolhido para a análise, foi selecionada uma turma de alunos com proficiência avançada da língua inglesa, de acordo com o método praticado pela escola. O informante mais novo tinha treze anos e o mais velho dezesseis, sendo duas mulheres e quatro homens. Quatro deles estavam no ensino médio e dois no fundamental e estudavam tanto em escolas públicas quanto particulares.

2.2 O instrumento de coleta de dados

O instrumento de coleta de dados foi constituído por quatro partes, nas quais os informantes podiam produzir diferentes estilos de linguagem: a espontânea, a dirigida, de leitura de textos e a leitura de palavras. Esta metodologia de coleta de dados é empregada nas pesquisas sociolinguísticas de base laboviana.

Segundo Labov (1976 apud DUTRA, 2008) é possível coletar estilos diferentes de fala de acordo com o contexto da entrevista. O autor divide o contexto em A, B, C e D. O contexto A é a fala espontânea, onde o entrevistado pode falar com uma terceira pessoa sem ser interrompido sobre temas diversos, como no caso desta pesquisa, de sua infância. No contexto B é tratada a fala dirigida, onde são respondidas perguntas específicas de acordo com o objetivo da análise. No contexto C é solicitado ao entrevistado que leia um texto que contenha os fonemas a serem analisados. Por fim, no contexto D é elaborada uma lista de palavras que possuam exclusivamente as oclusivas [t] e [d], as quais são pronunciadas pelo entrevistado, com o objetivo de investigar as possíveis realizações.

2.3 O fenômeno de variação estudado

Escolhemos analisar a palatalização das oclusivas [t] e [d] devido aos problemas de comunicação que a maioria dos aprendizes apresenta ao pronunciar tais sons do inglês devido à interferência do português.

De acordo com Dutra (2008), na língua inglesa, as oclusivas [t] e [d] são produzidas com articulação ápico-alveolar – *tissue* [tiˈʃuː]; *deep* [ˈdi:p] e as africadas [tʃ] e [dʒ] com articulação alveolopalatal – *chicken* [tʃˈiːkɪn]; *juice* [dʒuːs]. As oclusivas [t] e [d] podem ocorrer tanto com articulação alveolar quanto

dental, porém, em algumas regiões brasileiras, surgem com articulação alveolopalatal [tʃ] e [dʒ] quando seguidas de [i]. A palatalização das oclusivas dentais ocorre principalmente no Centro-Oeste e no Sudeste, com menos incidência no Norte e Nordeste brasileiro. No sudoeste paulista onde moram os informantes desta pesquisa, aplica-se a regra da palatalização do [t] e [d] antes de [i].

2.4 As entrevistas

As entrevistas foram realizadas na escola Wizard de Idiomas, localizada à Rua Souza Soutelo, n.º. 247 da cidade de Ourinhos/SP. Todas as etapas da pesquisa de campo foram efetuadas em apenas um encontro e cada entrevista teve a duração de aproximadamente dez minutos. O ambiente proporcionou calma e segurança aos alunos, uma vez que se tratava da própria sala de aula, conferindo maior credibilidade aos resultados da análise.

2.5 Recurso utilizado na entrevista

Foi utilizado para a entrevista um gravador digital, pois além do som ser de melhor qualidade do que os de aparelhos comuns, o aparelho possui entrada para USB, o que permite a passagem do áudio para o computador. Uma vez nele, o áudio pode ser passado de modo repetido, lento ou rápido, o que confere ao inquiridor maior segurança na tarefa de identificação dos fonemas empregados pelos informantes.

3 As Realizações das Oclusivas [t] e [d]

Nesta seção apresentamos a análise do uso das oclusivas [t] e [d]. Nosso *corpus* é constituído de um total de 282 ocorrências, sendo 168 delas para a oclusiva [d] representando 59,57% e 114 realizações de [t], ou seja, 40,43%, distribuídas nos quatro estilos de linguagem apresentados na explicação do instrumento de coleta de dados.

Tabela 1: Uso das oclusivas e africadas

	Nº	%
[dʒ]	82	48,80%
[d]	86	51,20%
TOTAL	168	100%
[tʃ]	80	70,17%
[t]	34	29,83%
TOTAL	114	100%

3.1 A palatalização das oclusivas [t] e [d]

Os dados mostram que as africadas são frequentemente utilizadas pelos alunos em substituição das oclusivas no início e meio de vocábulo, apresentando alternância de acordo com cada estilo de linguagem.

Nas transcrições de toda a fala dos informantes, sem considerarmos os estilos, constatamos o emprego da oclusiva [d] em 51,20% dos casos, enquanto que somente em 29,83%

foram empregadas a oclusiva [t]. Já a africada [dʒ] foi empregada em 48,80% das vezes e o fonema [tʃ] foi aplicado em 70,17% das ocorrências.

Os dados mostram que o número maior de ocorrências é dos fonemas mais próximos dos informantes na língua materna deles. Em busca de dados mais detalhados, apresentamos os resultados divididos por estilos de linguagem.

Tabela 2: Palatalização da oclusiva [d] nos quatro estilos de linguagem em início e meio de vocábulo

		Nº	%
Espontânea	[dʒ]	1	100%
	[d]	0	0,00%
TOTAL		1	100%
Dirigida	[dʒ]	10	41,66%
	[d]	14	58,34%
TOTAL		24	100%
Texto	[dʒ]	11	45,83%
	[d]	13	54,17%
TOTAL		24	100%
Palavras	[dʒ]	60	50%
	[d]	60	50%
TOTAL		120	100%

Na fala espontânea, observou-se apenas uma ocorrência com a africada [dʒ], o que caracteriza o uso categórico desse fonema. Das 24 possíveis realizações da oclusiva [d] na fala dirigida, foram constatadas 10 ocorrências, ou seja, 41,66% do emprego da africada [dʒ] e 14 ocorrências ou 58,34% das realizações da oclusiva [d].

No estilo de leitura de texto houve ocorrência de 11 realizações da africada [dʒ], ou seja, 45,83% e 13 da oclusiva [d], ou 54,17% de uso desse fonema. Já na leitura de palavras, das 120 ocorrências, 60 delas ou 50% foram realizadas com a africada [dʒ] e os outros 50% com a oclusiva [d].

Pudemos perceber que, apesar da oclusiva [d] ser pronunciada na maioria das vezes (58,34% na dirigida e 54,17% no texto), conforme os estilos de linguagem tornaram-se mais formais, os alunos tenderam a aplicar mais a africada [dʒ], chegando a igualar com a oclusiva [d] na leitura de palavras (50% para cada).

Isso demonstra que os alunos, ao se descontraírem durante a entrevista, deixam de prestar atenção na língua e à medida que precisam concentrar-se no que estão dizendo, procuram realizar o fonema empregado na língua alvo, que é a oclusiva [d].

Também pudemos notar que os estilos interferem na aprendizagem de língua estrangeira à medida que possibilitam o uso de fonemas da língua materna com mais frequência, ou seja, quando se está descontraído. No momento em que os informantes se encontraram em situações mais formais, refletiram e tentaram empregar o fonema oclusivo do inglês.

Tabela 3: Palatalização da oclusiva [t] nos quatro estilos de linguagem em início e meio de vocábulo

		Nº	%
Dirigida	[tʃ]	8	33,33%
	[t]	16	66,67%
TOTAL		24	100%
Palavras	[tʃ]	72	80%
	[t]	18	20%
TOTAL		120	100%

Os dados mostram que os informantes tiveram na fala dirigida 33,33% de ocorrência da africada [tʃ] e 80% na leitura de palavras. Não houve ocorrência da oclusiva [t] e nem da africada [tʃ] nos estilos de fala espontânea e de estilo de leitura de texto.

Da mesma forma que ocorreu com a oclusiva [d], conforme os alunos ficaram mais descontraídos, aumentaram as ocorrências da africada [tʃ] e diminuiu o emprego da oclusiva [t].

Tal qual constatamos a partir dos resultados com o emprego do fonema [d], pudemos verificar também com o fonema [t], ou seja, o estilo de linguagem contribui para a realização da alternância de um ou de outro fonema.

4 Considerações Finais

Para que o aluno adquira competência linguística em língua estrangeira, o ensino precisa basear-se em atividades interativas e comunicativas. No entanto, para que o indivíduo seja entendido e possa comunicar-se com fluência é necessária a produção com eficácia dos fonemas da língua alvo.

Nesta pesquisa, propusemos analisar o fenômeno de palatalização no emprego das oclusivas na fala de brasileiros com proficiência na língua inglesa. Os resultados mostram que, mesmo após muitos anos de estudo, a diferença entre os fonemas [d] e [t] ainda não está clara para tais aprendizes, principalmente quando são realizados diferentes estilos de linguagem, pois vimos na análise que as oclusivas são empregadas em maior número de ocorrência em estilos mais formais enquanto a palatalização ocorre quando estão mais descontraídos. É justamente aí que ocorre a maior influência da língua materna.

Tais resultados apresentam-se de forma parecida com os da pesquisa de Dutra (2008) na qual a autora analisa o

português falado por americanos. Os dados dessa pesquisa mostram que, quando estavam descontraídos, os americanos empregavam a variante própria de sua língua materna, que é a oclusiva [d], e em estilos mais formais tentavam se aproximar do fonema da língua portuguesa presente na região em que estavam inseridos, onde a variante empregada é a africada [dʒ]. Tal qual ocorreu com os nossos dados.

Isso só vem comprovar nossa tese de que os professores precisam incluir em suas atividades, práticas que envolvam também questões fonético-fonológicas para que o aluno consiga visualizar a estrutura consonantal e vocálica das línguas, conheça as diferenças entre elas e consiga distinguir e empregar os sons da língua alvo. O trabalho com símbolos fonéticos pode trazer também muitos benefícios nas aulas de inglês como língua estrangeira, pois a partir dele os alunos podem conhecer os novos sons, podem identificá-los ao pesquisar o dicionário, atividade essa que muitos têm dificuldade.

Pudemos perceber com essa pesquisa a importância do papel exercido pelo professor, pela sua abordagem, pelos materiais didáticos utilizados, na aprendizagem e no desenvolvimento competente da língua estrangeira pelo aluno. Por isso, acreditamos que uma formação sólida, com possibilidade de se estudar não só gramática, morfologia, semântica e sintaxe, mas também questões relacionadas à fonética e à fonologia podem contribuir muito para a aprendizagem competente dos alunos.

Referências

- DUTRA, A. Aquisição do português como língua estrangeira: fenômenos de variações no âmbito fonológico. Tese Doutorado. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2008.
- JENKINS, J. The phonology of English as an international language: new models, new norms, new goals. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- KRASHEN, S. Principles and practice in Second Language Acquisition. Oxford: Pergamon Press, 1984.
- LABOV, W. Sociolinguistique. Paris: Les Editions De Minuit, 1976.
- MASCHERPE, M. Análise comparativa dos sistemas fonológicos do Inglês e do Português. São Paulo: EGRT, 1970.
- MORLEY, J. The Pronunciation component in teaching English to speakers of other languages. Illinois: Pantagraph Print, 1991.